

MEMÓRIA EM FLUXO: O DEVIR DAS BIBLIOTECAS VIVAS NA PRESERVAÇÃO DOS SABERES ANCESTRAIS¹

MEMORY IN FLUX: THE BECOMING OF LIVING LIBRARIES IN THE PRESERVATION OF ANCESTRAL KNOWLEDGE

Edison Luís dos Santos²

Antonio Carlos Nascimento Neto³

Marcos Luiz Mucheroni⁴

Resumo: Em um mundo cada vez mais dominado pela inteligência artificial e pelos avanços tecnológicos, este artigo questiona: os *chatbots* podem substituir as bibliotecas universais? Partindo dessa provocação, o estudo explora a tensão entre o conhecimento globalizado e os saberes locais, enfatizando a oralidade como pilar fundamental para a preservação da cultura e da identidade em um mundo em constante fluxo. Utilizando a metateoria classificatória de John Tennis e a abordagem conceitual de Deleuze e Guattari, o artigo analisa como a “corporeidade” e a “narrativa” se entrelaçam na transmissão de saberes, destacando o papel dos Griôs como guardiões da tradição oral. Introduce o conceito inovador de “Biobiblioteca”, uma metáfora que representa a autopoiese do conhecimento inscrito no corpo e na experiência vivida. Por meio de uma reflexão crítica, o estudo não apenas reafirma a importância do saber local e das bibliotecas vivas, mas também propõe caminhos para integrar tecnologias digitais na preservação da oralidade, evidenciando o devir dessas instituições. Conclui que a “Biobiblioteca” é um amálgama essencial para dialogar sobre a preservação dos saberes/fazerem em um mundo em constante transformação, sugerindo novos estudos e práticas que valorizem a diversidade cultural e a riqueza dos conhecimentos ancestrais.

Palavras-Chave: Memória e Informação. Cultura. Tradição Oral. Saber Local. Bibliotecas Vivas.

¹ O texto deste trabalho completo foi submetido, avaliado, aprovado e apresentado no GT-10 do XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2024), UFES, Vitória-ES.

² Pós-Doutorado (IEA) e Doutorado em Ciência da Informação (ECA). Instituto de Estudos Avançados (IEA/ECA/USP). E-mail: edisonlz@alumni.usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2488-9049>.

³ Mestrando em Ciência da Informação. Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília (PPGCI-UNESP). E-mail: antoniocarlosnascimento.neto@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7282-8681>.

⁴ Doutorado em Engenharia Elétrica (USP). Docente da Escola de Comunicações e Artes (CBD-ECA-USP). E-mail: mucheroni.marcosl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5273-7392>.

Abstract: *In a world increasingly dominated by artificial intelligence and technological advancements, this article asks: can chatbots replace universal libraries? Starting from this provocation, the study explores the tension between globalized knowledge and local wisdom, emphasizing orality as a fundamental pillar for the preservation of culture and identity in a world in constant flux. Using John Tennis's classificatory metatheory and the conceptual approach of Deleuze and Guattari, the article analyses how “corporeality” and “narrative” intertwine in the transmission of knowledge, highlighting the role of Griots as guardians of oral tradition. It introduces the innovative concept of the “Bioblibrary”, a metaphor representing the autopoiesis of knowledge inscribed in the body and lived experience. Through critical reflection, the study not only reaffirms the importance of local knowledge and living libraries but also proposes ways to integrate digital technologies in the preservation of orality, demonstrating the becoming of these institutions. It concludes that the “Bioblibrary” is an essential amalgam for discussing the preservation of knowledge/practices in a world of constant transformation, suggesting new studies and practices that value cultural diversity and the richness of ancestral knowledge.*

Keywords: *Memory and Information. Culture. Oral Tradition. Local knowledge. Living Libraries.*

1 INTRODUÇÃO: PALAVRA, NARRATIVA, CONCEITO

A palavra é a minha quarta dimensão.
(Lispector, 2019, p. 28)

Organizada, a palavra falada cria, molda, mantém, recria e documenta o(s) mundo(s) ao(s) qual(is) pertencem os seus narradores. Ferramentas e estruturas são elaboradas e forjadas para institucionalizar, formalmente, o conhecimento que transborda dos saberes, que afloram, da convivência e da observação dos narradores ao, e com, seu entorno. Esses ao-redores dos narradores pulsam, respiram, vivem, em diferentes suportes (orgânicos e inorgânicos) e necessitam de seus interlocutores para existir, continuar existindo ou simplesmente para que futuras gerações saibam de sua existência. A comunicação entre os narradores afetados pelo ambiente se dá pela conceituação dos acontecimentos entre a coexistência dos narradores e de seu habitat.

Pensemos, então, o conceito como uma ferramenta intangível elaborada para transcrever o que acontece no instante do encontro entre um pré-

pensamento do narrador e um acontecimento ocorrido, ou que está ocorrendo, ao seu redor. Esse pré-pensamento carregado de assuntos acontecidos (ou acontecendo) se expressa em cenários onde cada coisa, cada objeto, cada informação que os compõem recebe um termo significativo para sua existência naqueles instantes onde a fala ainda ocorre somente na essência, no interior do corpo dos narradores, ou seja, no plano de imanência (Deleuze, Gattari, 2010). Sim. Instantes, momentos, termos, no plural. Pois cada termo, composto por seus assuntos, acontece em constante movimento, como se várias imagens estáticas fossem postas uma por debaixo das outras, com pequenas diferenças entre si, tal qual o cinema é feito. A este constante movimento de ordenação de assuntos e termos em um cenário estabelecido entre narrador e ambiente, dá-se a existência do conceito (Francelin, 2010; Mostafa, 2010). O conceito é a ferramenta de extração de significados do estado das coisas como elas estão (ou estavam) no momento em que acontecem (ou aconteceram) no ambiente ao redor do narrador (Deleuze, Gattari, 2010; Hjørland, 2015).

Logo, quando se acompanha o movimento de um conceito (ou mais de um), outro conceito pode ser elaborado. Devidamente sistematizado essa ferramenta de organização de conhecimento produzido entrega uma abreviação de leituras e releituras anteriores com o objetivo de comunicar o significado de algo relevante para o(s) autor(es) do conceito (Tennis, 2008). Conceituar, então, significa estabelecer, ou continuar, temas e/ou assuntos que necessitam, por vezes, de uma única palavra, que fora falada antes de ser escrita, para o acontecimento do diálogo.

Aqui, a palavra ouvida que originou este artigo é *bibliotecas vivas* (Santos, 2018). Uma vez falada em voz alta, bibliotecas vivas tomou posse de um assento que muitos conceitos também possuem ao redor de uma fogueira disposta ao

longo do tempo, e observam, esperando como serão, doravante, utilizados, como serão narrados. Das narrativas que compuseram as bibliotecas vivas, outra narrativa nasceu, pois, assim é; quanto mais distantes estamos da história, mais distantes estamos do narrador, mas, quando esse narrador ainda é capaz de intercambiar experiências além de seu corpo e tempo, algo permanece. (Benjamin, 1987)

O corpo, esse espaço, suporte de memórias individuais e coletivas, esse lugar consiste no cerne das bibliotecas vivas. Em meio a este conjunto de narrativas das quais participa constantemente o corpo pleiteia, absorve, conhece, retribui, sabe, fala (Breton, 2019). É nessa construção de saber *in praesentia* que o acervo dessas bibliotecas vivas é constituído: compõem-no as memórias recentes, memórias um pouco mais distantes no tempo, memórias antigas.

Para o contexto narrativo, aqui, memórias recentes serão aquelas do dia a dia, o que conseguimos lembrar-se da vida até o momento no qual o sujeito pergunta para si mesmo “quem sou eu?”; algo que se consegue lembrar individualmente. As memórias um pouco mais distantes no tempo serão aquelas: quando a narrativa do lembrar necessita de mais de uma personagem para acontecer, aquele momento no qual o sujeito pergunta para si mesmo “o que eu conheço?”; algo que necessite de outras pessoas para lembrar. As memórias antigas serão aqueles momentos quando o sujeito pergunta para outra pessoa “você pode me ensinar o que é isso?”; algo que necessariamente deve ser mantido coletivamente e além do tempo do sujeito.

O ouvinte ou o leitor que adentrar nos tópicos desse trabalho haverá de notar evidentemente que as memórias, o corpo e a narrativa estão sempre presentes, perfazendo um amálgama que habita o ser do narrador. Desse modo,

buscamos adotar uma metodologia que se aproximasse do fazer científico artesanal com base no *savoir-faire* localizado: tramar, costurar, refletir e aventurar-se em narrativas para, ao final, como objetivo pretense, buscamos aproximar o significado do devir das bibliotecas vivas ao conceito de “Biobiblioteca”.

2 SAIR DA CAVERNA

[...] depois de os ver fiquei a pensar que talvez o que realmente não exista seja aquilo a que damos o nome de não existência. (Saramago, 2017, p. 343)

Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, ao longo de *Não contém com o fim do livro*, dialogam sobre as ferramentas criadas pelo homem a partir das suas necessidades de expressar e compartilhar o conhecimento adquirido, apreendido, na relação entre o sujeito narrador e o mundo. Eco (semioticista) e Carrière (cineasta) compartilham a ideia de que, apesar de a ferramenta ser criada para sanar a necessidade momentânea de informar, essa não subsiste, pois o ambiente ao redor de quem narra a história, constantemente, renova-se. Essa mudança pode ser drástica, repentina, porém, acontece. A única tecnologia que persiste e reluta em existir ao longo do tempo, segundo ambos os autores, é a escrita.

[...] Podemos considerar a escrita como o prolongamento da mão e, nesse sentido, ela é quase biológica. Ela é a tecnologia da comunicação imediatamente ligada ao corpo. Quando você inventa uma coisa dessas, não pode mais dar para trás. (Eco, Carrière, 2010, p. 19)

Em *A caverna dos sonhos esquecidos*,⁵ deslumbram-se indícios da passagem do homem pré-histórico por suas câmaras. Belíssimas retratações pictóricas dos animais daquela época, como bisões e cavalos selvagens, são retratadas como se esses animais estivessem em movimento. Em outras câmaras da caverna são encontradas ossadas de ursos gigantes e de outros animais. Porém, numa câmara da caverna em especial, de difícil acesso aos pesquisadores, há em uma “parede” ao fundo marcas da palma da mão de um sujeito que ali passara. Qual seria o significado dessas marcas? Uma tentativa de delimitar território? Uma experiência com tinturas? Uma amostra do poder de uma ferramenta?

Umberto Eco enfatiza que na comunicação, as formas de conteúdo desempenham um papel fundamental, moldando a interpretação e compreensão de uma mensagem pelo receptor; evidencia que as formas de conteúdo informacional podem variar consideravelmente, indo desde simples e tradicionais estruturas, até visões de estruturas mais complexas. Além disso, o semioticista observa que as formas das informações não permanecem estáticas, mas, ao longo do tempo, sofrem evoluções que refletem as transformações culturais e sociais: “Mas existe método nessa loucura, e Adão⁶ nos ensinou que, para reestruturarmos os códigos, é preciso, antes de mais nada, experimentarmos reescrever as mensagens”. (Eco, 2004, p. 123)

⁵ No original *Cave of Forgotten Dreams*, 2010. Documentário de Werner Herzog, cineasta alemão, sobre a descoberta, no sul da França, da Caverna de Chauvet ou Chauvet-Pont-d'Arc. Tornou-se famosa em 1994 quando um trio de espeleólogos descobriu que ela continha os restos fossilizados de muitos animais, incluindo alguns já extintos. E mais, as paredes da caverna são ricamente decoradas com pinturas rupestres. Junto com Lascaux, Serra da Capivara e Caverna de Altamira, é um dos sítios arqueológicos mais importantes do mundo. (Herzog, 2010)

⁶ Umberto Eco, em *As formas do conteúdo*, utiliza-se da metáfora de Adão (extraída do livro *Gênesis*) como escritor para dialogar com o leitor sobre a geração de mensagens.

Contudo, para qualquer objetivo de reescrita, a bióloga e filósofa Donna Haraway (2009) nos alerta que deixar nas mãos de poucos homens o jogo específico das palavras, ou seja, a construção de possíveis conhecimentos pode, e será, o escrutínio a saberes que serão excluídos justamente por não terem interesses políticos elaborados a partir do cinismo da destruição. Haraway (2009a) argumenta que o conhecimento institucionalizado (muitas vezes centrado em uma perspectiva masculina e eurocêntrica) precisa ser questionado e desafiado. Há a necessidade de adotar uma abordagem mais crítica e posicionada em relação à produção de conhecimento, especialmente no contexto dos corpos excluídos.⁷

Logo, para a reescrita, por mais que pareça óbvio ululante⁸, novas maneiras de se relacionar com o conhecimento necessitam adentrar na narrativa de Eco e Carrière. Sendo cultos e europeus, defensores da escrita como ferramenta primordial da passagem, da manutenção do conhecimento, tendem a olhar para a *Caverna* de Chauvet como olham para uma biblioteca. Um olhar pragmático, onde a escrita necessita de um suporte, que será depositado numa estante física ou virtual, limitando como devemos olhar para a biblioteca e para o conhecimento. Fator esse que também limita as potencialidades do corpo, pois, para a existência da escrita, a comunicação do conhecimento passa antes pelo pulmão, pela garganta, pela língua, pela boca na forma, ou em forma, de saber.

⁷ Quando a filósofa e zoóloga Donna Haraway dialoga sobre corpos excluídos na produção do conhecimento, ela refere-se às pessoas que são marginalizadas por questões preconceituosas relacionadas à etnia, xenofobia, gênero, classe social, homossexualidade, religião.

⁸ “Óbvio ululante” é o termo popularizado pelo escritor Nelson Rodrigues, em livro homônimo publicado, para expressar algo excessivamente óbvio. (Rodrigues, 1950)

Eis a importância do corpo para a manutenção da existência do conhecimento. O corpo, esse ente que manuseia conhecimentos, opera, mesmo em, ou, no, silêncio, com palavras que o auxiliam a interpretar as informações que o permeiam, cada qual em seu plano de concepção e essas informações o afetam a um ponto tal onde a necessidade de elaborar uma ferramenta se fez necessária para o *continuum* do conhecimento (Deleuze, Gattari, 2010; Breton, 2019). O corpo, esse ente afetado por vários planos de concepção de informações, é o suporte da palavra falada. O suporte da palavra escrita, essa tecnologia que não morrerá, segundo Eco e Carrière (2010), é o livro. A diferença entre o suporte informacional livro e o suporte informacional corpo se dá pela institucionalização do conhecimento escrito no livro pela estrutura biblioteca (Milanesi, 1983); o corpo e seu conhecimento oral não são, ainda, institucionalizados.

Igualmente, antes o que fora clamado de *novo* para o diálogo, na realidade, é algo antigo. Deve-se, portanto, dialogar sobre o conhecimento adquirido pelo corpo através de sua relação com o ambiente ao qual ele está inserido. E como essa relação acontecida na palavra falada torna a narrativa que envolve o processo da aquisição do conhecimento através de saberes em um processo eterno, mesmo que as palavras mudem (Benjamim, 1987). Ou seja, inseriremos no diálogo a transmissão de saberes que estão inscritos no suporte corpo pelo dispositivo da oralidade.

Saiamos da caverna, dessas bibliotecas estáticas com acervos gerenciados por aqueles que romantizam o conhecimento em depósitos que, infelizmente, não possuem espaço para corpos que produzem saberes há muito, muito tempo. Corpos que ainda mantêm um contato complexo e multifacetado com o mundo. Isto posto, as perguntas para dialogarmos com Eco e Carrière

poderiam ser: A biblioteca é apenas isso, uma caverna onde a memória é construída por especulações individuais, artificialidades? Não existe uma biblioteca com memória natural?

3 RELAÇÕES E CIRCUNSTÂNCIAS

Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável. (Krenak, 2020, p. 98)

O crepúsculo e a aurora são como a semiótica e a hermenêutica, gêmeas bivitelinhas do tempo. Movimentos sutis de ascendência alternados com movimentos afiados de descendência, contornantes a um local, a um ser vivente, revelam, declaram, disseminam as marcas que caracterizam a passagem dos acontecimentos. Vida que o tempo trouxe de longe e, antes da escrita, os efeitos dos acontecimentos eram decorridos, davam-se, pela oralidade e seus recursos infinitos de ministrar, efetuar, saberes ancestrais advindos das experiências vividas pelo corpo. Corpo que se prolongou em palavras suportadas em papel (Kopenawa, Albert, 2015; Benjamim, 1987; Breton, 2019).

Institucionalizou-se, através da Biblioteca, o papel, o conhecimento (Milanesi, 1983). Classificações para organizar o conhecimento produzido originaram-se por conta da produção massiva de manuscritos institucionalizados e conceitos foram surgindo para organizar essas classificações (Francelin, 2010; Mostafa, 2010; Hjørland, 2015; Tennis, 2008). O tempo continuou acontecendo e artificializou-se a informação, o conhecimento e a inteligência que regem a Biblioteca. Hoje, além de uma estrutura física, a Biblioteca também é digital. Os corpos, por mais que a máquina invisível do

*laissez-faire*⁹ deseje, não. Diante da face epistemicida do capital, Haraway diz que devemos

Traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes – e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (Haraway, 2009a, p. 16).

Isso implica que a perspectiva de um indivíduo, suas vivências e o contexto social e cultural em que estão inseridos influenciam profundamente a maneira de compreender e interpretar o mundo. Em vez de negligenciar essas influências em busca de uma objetividade ilusória, Haraway propõe o reconhecimento e a incorporação dessas perspectivas parciais e situadas em nossa compreensão de conhecimento, ou seja, ela propõe que não negligenciemos os saberes que originam conhecimentos. (Haraway, 2009b)

O livro *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, presenteia-nos com um relato caprichoso da sociedade, da história e da cultura do povo lanomâmi. Importante ressaltar que Kopenawa narrou suas memórias e Albert as transcreveu para o livro nascer. O corpo de Kopenawa é recinto de composição de saberes, oriundos da formação e transformação humana onde diferentes contornos e traços de existência se encontram e interagem. Esse conceito de corpo complexo e multifacetado é onde ocorrem os agrupamentos, conflitos e divergências de saberes; ambiente de relações cosmológicas, ontológicas, epistemológicas. O corpo para os lanomâmis não é apenas uma

⁹ A expressão francesa *laissez-faire*, que significa “deixar fazer” ou “deixar acontecer”, refere-se a uma filosofia econômica que defende a mínima intervenção do Estado na economia, permitindo que as forças de mercado operem livremente. Originária do pensamento liberal do século XVIII, especialmente associada a economistas como Adam Smith, a ideia central é que a economia se autorregula por meio da concorrência e do interesse individual, sem a necessidade de controle governamental excessivo. O *laissez-faire* é um princípio fundamental do liberalismo econômico e do neoliberalismo, embora, na prática, a maioria das economias modernas combine liberdade de mercado com algum nível de regulação estatal para evitar desequilíbrios sociais e econômicos.

entidade física, mas o meio pelo qual é possível experimentar e interagir com o universo, com o meio ambiente. (Valentim, 2019; Cavalcanti, 2020)

Assim, os espíritos que nossos antepassados faziam dançar continuam vivos, mesmo muito tempo após a morte dos xamãs que os tinham. É verdade. Depois da morte daquele a quem chamavam “pai”, os xapiri reconhecem seu filho ou genro e se interessam por ele. Quando ele morrer, descem para junto de seus filhos que, por sua vez, vão beber yãkoana para alimentá-los. Assim é desde sempre. (Kopenawa, Albert, 2015, p. 126)

Os xapiri, para os lanomâmis, são espíritos que carregam saberes antigos, como, por exemplo: dançar, cantar, regar a terra, plantar etc. Esses saberes são responsáveis pela continuidade da memória de quem os lanomâmis são e, pela interação com os xamãs, dão continuidade ao conhecimento comum entre os lanomâmis. Essa interação de antigos saberes produzidos entre os corpos vivos que outrora continham esses espíritos e perecerão com o advento do tempo com os corpos que virão a contê-los é o que mantém a cultura lanomâmi viva. (Kopenawa, Albert, 2015) Tais corpos interagem de maneira autônoma, constantemente se autorregenerando e autorregulando, mantendo interações contínuas com o meio ambiente. Nesse contexto, o ambiente atua como desencadeador de mudanças específicas na estrutura do corpo (sistema), sem depender de um agente externo para sua operação, visando manter os mesmos saberes tecidos nas redes que os originaram. A essa capacidade de um ser vivo replicar a si mesmo dá-se o nome de autopoiese. (Maturana, Varela, 2019)

Porém, como o suporte da cultura lanomâmi é a oralidade, com primazia da narração de estórias,¹⁰ seu senso comum é banalizado, subestimado. Pode-

¹⁰ Os termos “história” e “estória” têm significados distintos e são usados em contextos diferentes, embora ambos estejam relacionados à narração de eventos. História refere-se ao estudo e registro de eventos passados; envolve a análise de fatos, documentos e evidências para compreender como e por que os eventos ocorreram; está baseada em evidências do passado. Estória é um termo menos comum e é usado para se referir a narrativas fictícias ou contos. Embora tenha caído em desuso em muitos lugares, ainda pode ser encontrado em alguns

se até dizer que atualmente vários livros com temática de culturas orais estão nas prateleiras de bibliotecas. Mas, ainda assim, esses corpos não são institucionalizados. A importância de institucionalizar algo ou alguma coisa se dá pela viabilização de políticas públicas que visem à manutenção do conhecimento compartilhado pela oralidade. Esses corpos, entendidas como bibliotecas vivas (Santos, 2018) necessitam de mais zelo em sua existência, pois esse saber obtido através da interação com diferentes planos de mundo vive, apesar de coletivamente, apenas uma vez.

A ancestralidade não é desvinculada do corpo; este é um elemento importante para expressá-la. Pode-se, então, considerar que o corpo também é o seu lugar, sendo o principal instrumento de resistência das práticas de tradições orais.¹¹ Considera-se a possibilidade de levar na memória e no próprio corpo determinado inventário e tornar sagrada a prática, como “dádiva da presença” e matriz vital a perpetuar a tradição por gerações.

Daí, advém a necessidade de um olhar mais acurado sobre o saber localizado das culturas de tradição oral, para enfim ampliarmos as possibilidades de perguntar para outras culturas além da lanomâmi: Mas como se dá essa interação entre o mundo e esses corpos que carregam saberes orais? Como o senso comum é praticado na vida cotidiana?

contextos literários ou regionais, sobretudo em culturas de tradição oral. A palavra “estória” é mais frequentemente substituída por “história” no sentido de narrativa fictícia.

¹¹ O sujeito epistêmico é o sujeito encarnado em um corpo: “o corpo é um lugar de apropriação do mundo, um conjunto de significações vivenciadas, um sistema de ações em direção ao mundo, aberto às situações reais, mas também virtuais. O corpo é o sujeito enquanto engajado no ‘movimento da existência’, enquanto ‘habitante do espaço e do tempo’.” (Merleau-Ponty *apud* Charlot, 2000, p. 69)

4 SABER LOCAL E TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS DIFERENCIADOS

Os argumentos do senso comum, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo é sua autoridade. (Geertz, 2014, p. 79)

A esfera do cotidiano adquiriu novos matizes com a importância a que foram alçados os saberes locais no contexto da aldeia global. Embora tenha se tornado foco de maior atenção, no entanto, a questão do “senso comum” continua sendo um fenômeno desdenhado; ou seja, apesar de presumido, não costuma ser analisado, é pouco explorado. Clifford Geertz admite a dificuldade de formular as especificidades do senso comum, pois não existe um vocabulário já elaborado com o qual expressá-lo. De acordo com as atribuições do autor, suas principais propriedades (um tanto ou quanto incomuns) são as seguintes: “naturalidade, praticabilidade, leveza, não-metodicidade e acessibilidade” (Geertz, 2014, p. 88-97). Em termos bem práticos, corroborando com esse mesmo ponto de vista, Boaventura de Souza Santos elabora síntese segundo a qual:

O senso comum faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão do mundo assente na ação e no princípio da criatividade e das responsabilidades individuais. O senso comum é prático e pragmático... É transparente e evidente... É superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência... O senso comum é indisciplinar e imetódico, reproduz-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida. Por fim, é retórico e metafórico; não ensina, persuade. (Santos, 1989, p. 44)

Já não podemos negligenciar sumariamente o caráter prático do “conhecimento comum”, que é um sistema constituído pelas tradições, ocupações, técnicas, interesses, pensamento cíclico. Conforme sublinhou Michel Maffesoli, “o conhecimento ordinário chama à baila a surpresa e o abalo que, há muito, instituem e constituem os fundamentos de toda obra de

pensamento. Ele prepara as armas, polindo-as para ‘sutis partidas de caça’ que, aqui e agora, dizem respeito ao que se vem procurando: a vida em seu eterno recomeço, a vida em sua dimensão eterna”:

O senso comum, em sua sabedoria ancestral, não se deixa perturbar pelo “dever ser” e, assim, reconhece o que “é” ou “está”. Paul Ricoeur atribuiu a isto o nome de “discursividade primordial do vivido”. É o que a fenomenologia – a (a-)apresentação do mundo – propõe para adoção: fazendo uso de um fiável e bem apurado instinto, saber chegar ao âmago das coisas. (Maffesoli, 2010, p. 16)

A noção de saber local e as discussões sobre o capital cognitivo dos territórios simbólicos diferenciados permeiam todo o debate global e estão cada vez mais conduzindo as novas gerações a buscarem horizontalidade na ocupação de seus espaços de pertencimento: linguagem corporal negra, negritude, criouliização, afrodescendência, africanidade, afrocentrismo, quilombismo, ubuntuidade, pan-africanismo são conceitos formulados a partir dos efeitos da dispersão e espalhamento da população africana pelo mundo e, conseqüentemente, pela formação das múltiplas identidades negras do planeta. Elas traduzem ou influenciam diretamente as expressões culturais das nações diaspóricas e, por refluxo, também de algumas nações africanas.

No contexto brasileiro, as religiões e as formas de expressão artística popular, preceitos da medicina de tradição oral, sistemas de feitiçaria, linguagem corporal, técnicas de cuidado com o corpo, o folclore, dança, arte, entre outros fenômenos semelhantes, eram (e ainda são) pensados como expressões particulares de uma mente “primitiva”, “rude”, “ingênua”, “ignorante” – sinais de um suposto “atraso cultural”, carentes de uma percepção objetiva e racional do mundo.

Nosso objetivo não é discutir exaustivamente a questão da linguagem corporal, ou dos fenômenos envolvidos na *corporeidade* (gestos, fala, dança,

música, arte), mas trazer alguns elementos para a nossa reflexão, de modo que possam servir como instrumentos metodológicos para uma abordagem do corpo, não apenas como objeto da cultura, mas como também dotado de agência própria, não apenas como receptáculo de símbolos culturais, mas sobretudo como produtor de sentido.

5 MESTRES DO SABER ORAL: O DEVIR DAS BIBLIOTECAS VIVAS¹²

Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. (Halbwachs, 2006, p. 142)

O espaço de vivência, experiência pedagógica e construção do saber dos mestres da tradição oral é a roda (de capoeira, de samba, de conversa e de ritual), um lócus habitado pelas pessoas comuns, homens, mulheres, jovens e crianças que orbitam a esfera “encantada” dos mestres Griôs; estes, por sua vez, são “bibliotecas vivas”, os “donos da fala” que transmitem saberes por meio de memórias, narrativas, histórias, cantorias, gestualidade, entonações, improvisos etc.

Os velhos mestres e griôs são personagens importantes que remetem à tradição oral da África negra, especialmente nas sociedades do noroeste

¹² O conceito de “devir” é fundamental tanto na filosofia quanto na ciência, e refere-se ao processo contínuo de transformação e mudança. Na filosofia, o termo “devir” (do latim *devenire*, que significa “chegar”) indica as mudanças pelas quais passam as coisas. Heráclito, filósofo grego do século VI a. C., foi um dos primeiros a apresentar o conceito de “devir”, com a ideia de que tudo está em constante fluxo e transformação. Na ciência, especialmente na física, o conceito de devir pode ser relacionado à ideia de que o universo está em constante estado de fluxo e evolução, com sistemas que passam por transformações contínuas. Já os filósofos Deleuze e Guattari expandiram o conceito de “devir” para incluir ideias de desterritorialização e agenciamento, aplicando-o a uma variedade de campos, desde a literatura até a antropologia; é um conceito multifacetado que aborda a natureza intrínseca da mudança e da transformação em todos os aspectos da existência.

africano, em que a *oralidade* (e não a palavra escrita) é o principal meio de manutenção das culturas. Em vez do registro em livros e arquivos, é a circulação do conhecimento que garante que as culturas permaneçam vivas. De acordo com Amadou Hampâté Bâ, estudioso do tema,

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (Bâ, 2010, p. 169)

A palavra *griô* tem sua origem em *bamanan* (língua do noroeste da África, antigo império do Mali) e o seu significado é: “o sangue que circula”. Conforme explica Amadou Hampâté Bâ, os griôs são como trovadores ou menestréis, considerados agentes que dão continuidade à cadeia da transmissão oral, fazendo circular os saberes tradicionais. Existem várias categorias de mestres griôs: músicos, adivinhos, contadores de história; “embaixadores” que atuam na mediação de conflitos entre as famílias nobres; poetas, historiadores ou genealogistas que percorrem países para descobrir e contar as origens dos troncos familiares. Nessa categoria, inclui-se um rol de mestres capoeiristas, antigos e atuais, como corresponsáveis pelas lutas e conquistas de reconhecimento da cultura negra no Brasil.

Na verdade, o termo “griô” é universalizante, porque é um abasileiramento do termo *Griot*, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela de “Creole”, ou seja, crioulo, a língua geral dos negros na diáspora africana. Foi uma recriação do

termo “gritadores”, reinventado pelos portugueses quando viam Griôs gritando em praça pública. Foi utilizado pelos estudantes afrodescendentes que estudavam na língua francesa para sintetizar milhares de definições que abarca. O termo tem origem nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todas as histórias; são os sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado prioritariamente na oralidade e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país, a exemplo dos Kaingang do Sul, Tupinambá das Aldeias Tukun e Serra Negra (BA) e Pankararu de Pernambuco, Macuxi em Roraima, e tantos outros, incluindo Morubixabas, Kanhgág Kanhró etc., de modo que o termo “Griô” contempla todo(a)s o(a)s mestre(a)s da tradição oral.

6 A PALAVRA É O SANGUE QUE CIRCULA

O epistemicídio está inicialmente associado aos "exercícios de poder e violência contra saberes chamados de subalternos ou abissais". Isso se refere à supressão ou desvalorização sistemática de determinados sistemas de conhecimento, geralmente aqueles associados a grupos marginalizados ou minoritários. (Gonçalves, Mucheroni, 2021)

Em “A tradição viva”, capítulo de especial interesse para a compreensão da tradição oral (Bâ, 1982, p. 181-218), produzido por um *insider*, “de dentro” da tradição, Hampaté Bâ explica que, nas sociedades tradicionais africanas, existe forte ligação entre o homem e a palavra. O homem é a palavra que profere. A coesão social repousa no valor e no respeito pela palavra. A palavra falada possui valor moral e caráter sagrado, devido à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. A fala materializa as vibrações das forças vitais.

No universo, tudo fala! A fala pode ser vista, ouvida, cheirada, saboreada, tocada. A tradição oral, que se constrói sobre a concepção da palavra como sacralidade, não se limita ao *corpus* de histórias e lendas ou de relatos mitológicos e históricos. São histórias, mitos e lendas que se tornam conhecimento vivo e de enorme eficácia pedagógica na vida das comunidades, abrangendo a totalidade de sua existência:

Na tradição africana, a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra-se em relação direta com a conservação ou com a ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca. [...] Nas sociedades orais, não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (Bâ, 2010, p. 168)

A conversa evocativa de um “ancião” ou “mestre da tradição oral” caracteriza-se quase sempre por uma experiência profunda: “repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual” (Bosi, 1994, p. 82).

O universo social e simbólico das culturas de tradição oral possui uma riqueza e uma diversidade artístico-cultural que ainda não conhecemos ou simplesmente ignoramos. No entanto, tal legado poderia ser mais bem compreendido por meio da memória e dos saberes localizados das Bibliotecas vivas, poderia até humanizar mais o nosso presente.

A centralidade do corpo na cultura africana é um tema de grande importância e complexidade. O corpo é considerado o ponto de encontro entre a natureza e a cultura, um intermediário entre o material e o espiritual, e uma

expressão de algo relacionado às divindades e à natureza. O corpo africano é visto como uma “gramática” do cosmos, transformando-se de maneira visível e revestindo o grande cosmos de uma forma sensível. Nas culturas contemporâneas, o corpo está em cena, tanto nos estudos acadêmicos quanto em fenômenos sociais recentes e diferentes manifestações da cultura contemporânea¹³.

De fato, o continente africano talvez seja o lugar onde o homem mais utilize o corpo como objeto a ser esculpido, submetendo-o a diversas intervenções perenes ou temporárias. Diferente da tradição ocidental – que costuma separar tanto a máscara africana de seu contexto quanto o corpo e a mente –, as culturas enraizadas em tradições orais, geralmente, concebem o homem em relação integral com o universo. Seus corpos não são individualizados nem repartidos, mas dançam com o todo¹⁴. A eficácia visual de uma máscara *bambara* dá-se ao se integrar com o movimento contínuo do cosmos, no vaivém descrito por Hampaté Bâ. A máscara é vivida na relação com o chocalho nos tornozelos, com o bater das mãos e com o ritmo da música e do ritual. Seus traços estão sempre na iminência do movimento e produzem um sentido local e intenso. (Bâ, 2010, p. 167-212)

¹³ A arte africana também reserva destaque para a importância do corpo, que é representado como o ponto de encontro entre a natureza e a cultura, o intermediário entre o material e o espiritual, e a expressão de algo relacionado às divindades e à natureza. As peças de corpos múltiplos simbolizam a complementaridade dos dois gêneros na reprodução dos humanos e a cooperação nas atividades humanas. Esses são apenas alguns aspectos da centralidade do corpo na cultura africana. É um tema vasto e diversificado, que abrange ampla gama de práticas, crenças e significados. (Santos, 2018, p. 100-121)

¹⁴ No contexto social dos mestres de tradição oral, o espaço de vivência, experiência pedagógica e construção do saber é a roda circular (de capoeira, de samba, de conversa e de ritual), um lócus habitado pelas pessoas comuns, homens, mulheres, jovens e crianças que orbitam a esfera “encantada” dos mestres Griôs; estes, por sua vez, são bibliotecas vivas, os “donos da fala” que transmitem saberes por meio de memórias, narrativas, histórias, cantorias, gestualidade, entonações, improvisos etc.

O saber das bibliotecas vivas não é simplesmente a voz elaborando a *performance*¹⁵, mas um saber corporal, visual, sonoro e verbal que espirala a cultura. É a metáfora da abertura do local para o mundo e cujo valor simbólico ainda carece de reconhecimento e valorização. Tal saber é definido pela historicidade das trilhas e caminhos, que agem como transveredas culturais e é levado pelo desejo de compartilhar suas narrativas, promovendo o encontro com outras histórias, compondo um verdadeiro conhecimento partilhado: é uma rede, um rizoma cujos laços sobrepõem nações, culturas, corporeidades e que tem muito a colaborar na educação e na cidadania brasileiras (Santos, 2018, p. 94-100).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A memória humana faz escolhas. Nesse aspecto, ela se diferencia de um banco de dados”. (Han, 2023, p. 41)

Nietzsche já havia descrito o longo e árduo processo de criação de uma memória no homem, este ser eternamente fadado ao esquecimento: o incansável processo mnemônico, o gravar a ferro e fogo no *corpo* (e no espírito) deste esquecimento natural àquilo que se deve tornar inesquecível, fato que o dotaria da característica de se garantir como futuro: “para isso, quanto não precisou antes tornar-se ele próprio confiável, constante, necessário, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si como porvir!”. (Nietzsche, 2009, p. 44)

A cultura é um sistema de adestramento para transpor conteúdos cognitivos e morais de uma geração para as outras, e que são imprescindíveis

¹⁵ “Performance é reconhecimento. A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade”. (Zumthor, 2000, p. 36)

para a sobrevivência delas, independente do seu estágio de desenvolvimento tecnológico. Por esta razão, estudar sobre as relações do homem com a técnica, e do homem para consigo mesmo, com o intuito de melhorar a sua *performance* existencial, constitui a natureza do olhar científico. Dessa maneira, torna-se impossível não relacionar o corpo ao espaço, do ponto de vista existencial. Afinal, é o espaço do cotidiano habitado pelo corpo *in praesentia*, do “Ser aí” (*Dasein*), ou seja, do corpo que fala.

Nesta mesma perspectiva que valoriza a fenomenologia do corpo e da gestualidade – legados do saber ancestral localizado – em diversas práticas da tradição oral o lugar físico (fixo) é imprescindível e permanente, mas algumas práticas constroem o lugar, ou seja, os elementos sagrados também se fazem lugares, constituindo uma terceira totalidade, lugar onde

fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças à ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa. (Santos, 2014, p. 270)

Buscamos aqui refletir sobre narrativas próximas de autores diferentes. Assim foi composto este texto, este manuscrito. Apresentamos nossa narrativa existencial por intermédio de outras narrativas (epígrafes e citações) que entrelaçam conceitos concomitantes em tempo e espaço. Conceitos que tecem as linhas de pensamento de forma a organizar a construção de um raciocínio que emana do conceito “Biobiblioteca”. Frisa-se que, aqui, saberes acontecem antes do conhecimento, pois o ouvinte só conhece após escutar quem detém o saber oral, após ouvir quem narra.

“Biobiblioteca” nada mais é que a autopoiese dos saberes adquiridos pelos afetos, pelos laços entre o corpo do sujeito e o meio ao qual ele e sua comunidade estão inseridos. Esses afetos são a escrita dos saberes no suporte

corpo ao longo do tempo vivido do sujeito. Corpo que constrói o acervo “biobliográfico” através das memórias passadas dos antigos aos novos sem a interrupção abrupta da vida. Acervo passado de geração em geração para a manutenção da vida, da cultura de um povo.

Walter Benjamin disse em *O narrador* que os verdadeiros narradores estavam morrendo. Infelizmente, a crise da narração é um fenômeno patológico do presente. Hoje experimentamos o uso inflacionário de narrativas (*storytelling*) que se manifesta como vacuidade de sentido em meio à enxurrada de informações efêmeras. (Han, 2023, p. 9-16).

Falta-nos paciência para se pôr à escuta sensível... Falta-nos paciência para narrar. Sobra-nos desencanto, tédio e contingência. O ser humano é um ser que narra. E narrar é uma forma de dar sentido, apoio e orientação à vida. As narrativas criam comunidades e conectam pessoas através da empatia, produzindo um contínuo temporal e transformando o acaso em necessidade. (Han, 2023, p. 17-41)

O filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han defende que a informação é o “não-ser” em contraposição à narração (ser) e à oralidade das conversações porque ele vê a informação como um fenômeno que, ao contrário da narração, não oferece orientação ou significado. Para Han, a informação é uma série de dados que são processados e transmitidos rapidamente, mas que não possuem uma estrutura narrativa que possa nos guiar ou nos conectar com outros de forma significativa.

A narração, por outro lado, é vista por Han como uma forma de criar coesão social e comunidades, pois permite a construção de um contínuo temporal e transforma o acaso em necessidade. Narrativas oferecem significado e identidade, criam uma ordem fechada que constrói significado e conecta

peçoas através da empatia. A oralidade das conversações está relacionada à narração, envolve a troca de histórias e experiências que contribuem para a construção da identidade coletiva e individual.

Findo o artigo, permanece uma questão fundamental: na atualidade, qual é o estatuto ontológico do saber deste “velho, sempre novo” tesouro ancestral, que ora denominamos de bibliotecas vivas? Qual devir está destinado aos “donos da fala, do encanto e feitiço” (conhecidos universalmente como mestres do saber oral, Griôs) com o advento incontestado dos processos de algoritmização da vida cotidiana? Estariam fadados a envelhecer solitários no local que antes chamávamos de “asilo”? Ou, seria melhor atenuar o destino, internando-os no que hoje, eufemisticamente, denominamos “Casas de repouso”? Em todo caso, temos um grande problema social no país; conforme apontou o IBGE, o número de idosos tem aumentado de forma acelerada no Brasil. De acordo com o Censo Demográfico (2022), a população idosa cresceu 57,4% desde 2010.

Fica a reflexão e a promessa de novos estudos sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph. (Coord.) **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

BENJAMIN. Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAVALCANTI, Jimmy Davison Emídio. **Do corpo ameríndio: por um canto selvagem da formação humana.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz São Paulo: Editora 34, 2010.

ECO, Umberto. **As formas do conteúdo.** 3. ed. 2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ECO, Umberto.; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contém com o fim do livro.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. **Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento.** 2010. Tese (Doutorado) – ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-29102010-125600/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONÇALVES, Robson de Andrade; MUCHERONI, Marcos L. O que é epistemicídio? Uma introdução ao conceito para a Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. e5759, 2021. Disponível: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5759>. Acesso: 8 abr. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração.** Tradução Daniel Guilhermino. Petrópolis: Vozes, 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 5, p. 7-41, 2009a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso: 8 abr. 2025.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU,

Tomaz. (Orgs.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b, p. 33-118.

HERZOG, Werner. **A caverna dos sonhos esquecidos**. Roteiro: Werner Herzog. Chauvet: Werner Herzog Filmproduktion, Creative Differences, Ministère de La Culture de La Republique Française, 2010. (90 min.), Streaming, son., color. Legendado.

HJØRLAND, Birger. Theories are Knowledge Organizing Systems (KOS). **Knowledge Organization**, [s.l.], v. 42, p. 113-128, 2015.

KI-ZERBO, Joseph. (Coord.) **História Geral da África I**: metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

KOPENAWA, Davi; ALBERT Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. 3. reimp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Prefácio Pedro Karp Vasques. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 11. ed. São Paulo: Palas Atena, 2019.

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MOSTAFA, Solange P. Epistemologia ou filosofia da ciência da informação? In: **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 20, n. 3, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92970>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MOSTAFA, Solange P.; NOVA CRUZ, Denise V. da. Informação-afeto: real sem ser atual, ideal sem ser abstrata. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 39-56, jul./dez. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **O óbvio ululante**: primeiras confissões. Rio de Janeiro: A Bela e a Fera, 1950.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamento, 1989.

SANTOS, Edison Luis dos. **Veredas da informação em culturas de tradição oral**: a esfera encantada das bibliotecas vivas. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02102018-163618/>. Acesso em: 10 jan. 2025.


SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SARAMAGO, José. **A caverna**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TENNIS, Joseph. Epistemology, Theory, and Methodology in Knowledge Organization: toward a classification, metatheory, and research framework. **Knowledge Organization**, [s.l.], v. 35, p. 102-112, 2008.

VALENTIM, Marco A. Utupë: a imaginação conceitual de Davi Kopenawa. **Viso**: Cadernos de Estética Aplicada, [s.l.], v. XII, n. 24, p. 193-216, jan.-jun./2019.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 tpbci@ancib.org

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)